

Mais 5 km, e os gigantes surgirão

LUÍS SALGADO RIBEIRO

Enviado especial

A expedição da Funai dirigida pelo sertanista Cláudio Villasboas está agora margeando o rio Peixoto de Azevedo no sentido Sul-Norte e segue em direção à aldeia principal dos Kranhacacores — índios gigantes — onde deve estar concentrada toda a tribo, de aproximadamente mil pessoas. Villasboas e seus homens estão a menos de 5 quilômetros dos índios que dentro de poucos dias — talvez horas — poderão ter o primeiro contato com a Civilização.

A hora do encontro, porém, é, como os índios, imprevisível. Pode ser hoje, amanhã ou daqui a dois meses. Villasboas riu muito quando soube que os jornais anunciaram para domingo passado o seu encontro com os índios: "Ainda não temos audiência marcada". O que a expedição tem mesmo de concreto são as marcas, as pegadas e os sinais que os índios, sem querer ou não, vão deixando nas trilhas da floresta, perto do acampamento ou nas margens dos riachos.

Alguns gritos ouvidos domingo pelo sertanista foram os indícios mais claros da proximidade do encontro. "Ouvi os gritos característicos a pouco mais de um metro do local onde estava. Eles gritaram e correram. Não foi possível ver nenhum deles mas, pelos gritos, suponho que era um grupo mais ou menos grande". Villasboas estava só, inspecionando uma picada a um quilômetro do acampamento, mas não se assustou. Ele sabe que os índios estão rondando a expedição há mais de 15 dias.

Encurralados

"Estes são os últimos dias dos índios gigantes". O telegrama enviado por Villasboas à 5.ª Delegacia da Funai, em Cuiabá, acrescenta que os Kranhacacores estão encurralados entre o rio Peixoto de Azevedo, que não podem atravessar porque não dispõem de canoas, e o traçado da rodovia Cuiabá-Santarém, de onde partiu a expedição. E, por isso, os homens de Villasboas estão preparados para a iminência do encontro que poderá ser provocado até por iniciativa dos índios, atraídos pelos presentes, pelos utensílios e — principalmente — pelos alimentos distribuídos pela expedição. Villasboas imagina que eles devem ter sérios problemas de alimentação.

Que o encontro está próximo, não há dúvida, mas que os índios sejam gigantes, é discutível. Villasboas confirmou que a expedição tem encontrado muitos sinais dos índios: paus quebrados, restos de pei-

xe e de farinha, marcas de pés nas proximidades dos riachos. "Numa dessas marcas, constatei que as pegadas eram dois dedos maiores do que minha botina n.º 42. É uma prova de que os índios são realmente grandes, mas não gigantes de mais de dois metros, como os civilizados imaginam. Devem ter estatura aproximada de um metro e 80. São altos como os Bororós, antes do contato com os brancos".

Rondando

A certeza de que os Kranhacacores estão rondando o acampamento da expedição não amedronta os 26 índios que o sertanista trouxe do Parque do Xingu e nem os trabalhadores das turmas de topografia do 9.º Batalhão. Todos sabem — e Villasboas insiste muito nisso — que os "gigantes" não atacarão um grupo tão numeroso como a expedição formada por mais de 50 homens. A rigor, não há certeza absoluta quanto a isso porque a única certeza absoluta é a imprevisibilidade dos índios. E a prova é que, no acampamento que será armado do outro lado do rio, em frente à chamada clareira de aproximação, os índios da expedição vão fazer muito barulho e cantar e dançar seus ritmos de festa. Tudo isso será uma mensagem cifrada de índio para índio querendo dizer: "Estamos alegres, somos amigos e viemos em missão de paz".

Quando a clareira estiver aberta, a expedição deixará mais presentes para os índios. Segundo Villasboas, será mais fácil que eles apareçam lá, por-

que sentir-se-ão mais seguros diante do maior número de moradores da aldeia e das demonstrações de amizade que a expedição terá dado.

Invisíveis

Por enquanto, apenas os rastros. Os trabalhadores da expedição sentem-se espionados, espreitados no escuro da selva, por olhos invisíveis. "Eles estão nos espionando — confirma Villasboas — mas isso é natural. O importante é que não houve até agora nenhum indício de que queiram hostilizar-nos. Receberam os presentes que deixamos e não quebraram nada, o que demonstraria repulsa. E estão nos espionando porque estamos a cinco quilômetros de aldeia, dentro do seu território. Simplesmente, estão querendo saber quais são nossas intenções".

Mesmo espionados, os trabalhadores estavam improvisando ontem barcos de tronco de madeira que servirão, no rio Peixoto de Azevedo, para a travessia do pessoal e do material da expedição. E, como medida de segurança, Villasboas determinou que ninguém se afaste do acampamento em grupos de menos de 10 pessoas para não encorajar os índios a atacá-los. Ao mesmo tempo, redobrou a vigilância para que nem os índios aculturados nem os trabalhadores carreguem armas de fogo. Villasboas teme que, diante de um encontro inesperado, alguém dispare um tiro e, com isso, ponha a perder todo o trabalho de pacificação iniciado pela expedição. Além disso, ninguém sabe como os índios poderiam reagir.

Sertanista sai e acusa Funai

Da Sucursal do
BRASÍLIA

Por não querer continuar como "simples administrador de interesses de grupos econômicos" na política de concessão de áreas indígenas pela Fundação Nacional do Índio — Funai — o sertanista Antonio Cotrim Neto — um dos mais respeitados no Brasil — pediu demissão, ontem, em caráter irrevogável.

"A Funai — disse o sertanista — tem agido como um instrumento de coação aos índios, em benefício de certos grupos, e sua atuação se tem constituído num blefe perante a opinião pública, destruindo o ideal humanista que existe em cada sertanista, interessado em construir alguma coisa para o índio brasileiro".

Com 31 anos de idade, Cotrim Neto começou seu traba-

lho junto aos índios em 1962 e participou da pacificação dos "Gaviões" na divisa do Pará com o Maranhão. Ultimamente, na chefia de uma Frente de Atração na Transamazônica, entrou em contato com os "Jandevy", entre São Félix e Altamira, e com o "Kubenkrameti Ararapi", pouco abaixo dessa região.

Motivos

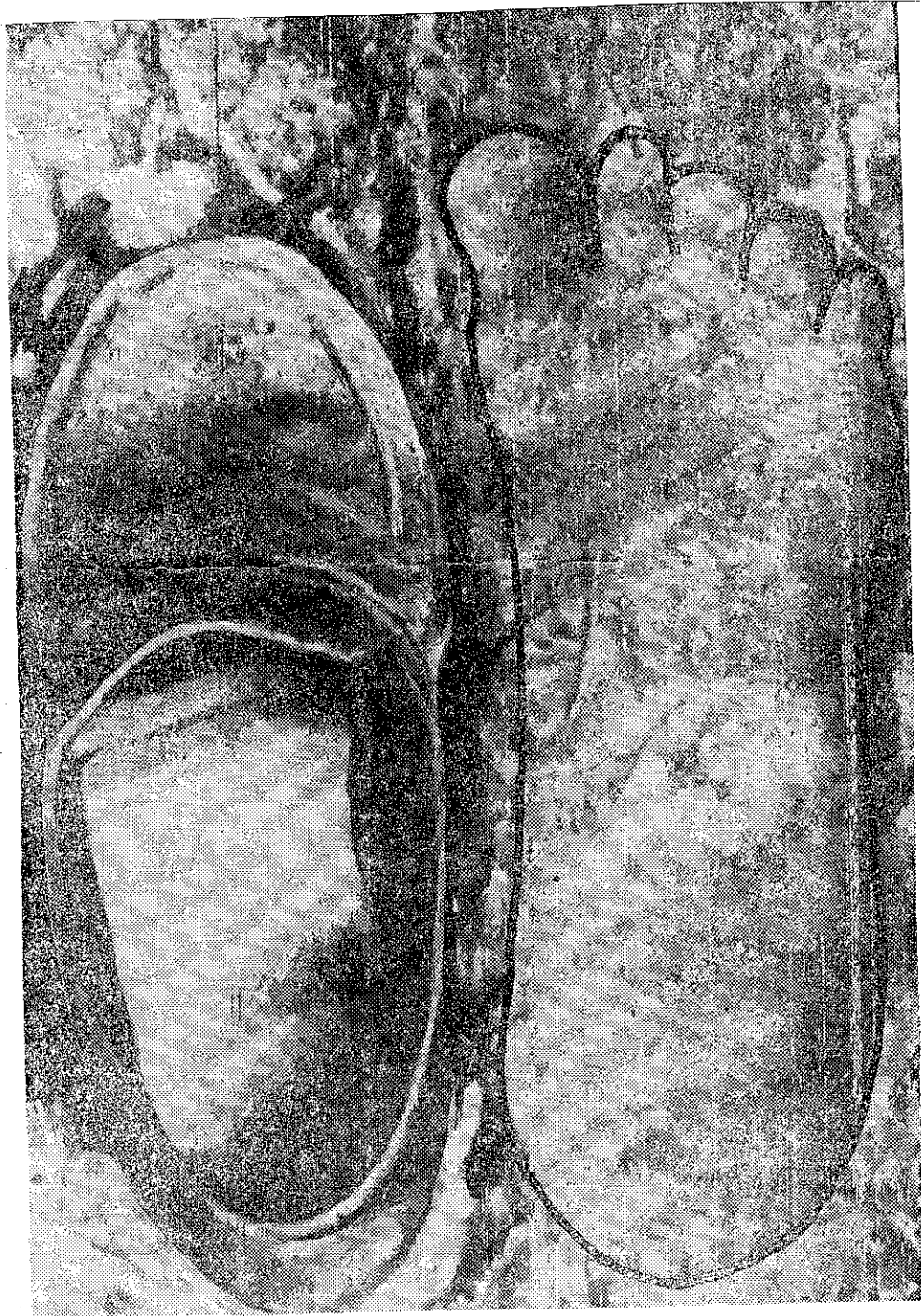
Cotrim Neto explicou que um dos motivos para sua demissão foi "a falta de interesse da Funai em atender a um pedido de medicamentos para debelar um surto de gripe entre os "Kubenkrameti". Revelou que, recentemente, 40 índios "Paracanás" morreram na Transamazônica por falta de melhor assistência médica. Dessa tribo, várias índias estão com doenças venereas e oito índios estão cegos. O sertanista disse que diversas tribos estão em processo de extinção no País.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: Panará 27

Data: 20/05/72 Pg.: _____



Radiofoto Reginaldo Manente

A pegada dos índios gigantes, por enquanto o único sinal visível